

A PREGAÇÃO DE JOÃO BATISTA

Tomaz Hughes

Ao preparar este artigo, logo no início deparei-me com um problema – como delimitá-lo, dentro do contexto desta edição dos Estudos Bíblicos? Pois um tratamento completo desse assunto implicaria em abordar temas como o contexto histórico-religioso do Precursor, a sua pregação como apresentada nos quatro evangelhos, os seus possíveis contatos com os movimentos religiosos judaicos da época, como os essênios de Qumran, entre outros. Mas como uma grande parte desses elementos cabe a outros autores de artigos nesse mesmo número, restrinjo-me a tratar os textos referentes a João Batista que encontramos nos Evangelhos Sinóticos. Para outros aspectos de pregação de João, indico os outros artigos.

1. Resumo do retrato de João e da sua Pregação nos Sinóticos

Nos escritos canônicos, João aparece no deserto (Mt 3,1-10; Mc 1,4-6; Lc 3,1-9) anunciando o Reino (Mateus), o dia de juízo (Mateus e Lucas) e conclamando ao batismo e à penitência (Mateus e Marcos). Sua vida no deserto e a sua vestimenta recordam Elias e a tradição profética. Lucas enfatiza alguns elementos do seu ensinamento social, ético e moral (Lc 3,10-14): generosidade para com os pobres e renúncia à violência e à opressão. João Batista anunciava a vinda do Messias como juiz (Mt 3,11-12; Mc 1,7-8; Lc 3,15-18). O Messias batizaria com o Espírito Santo e com fogo, razão pela qual o batismo de João constituía apenas uma preparação. Quando Jesus uniu-se àqueles que queriam ser batizados por ele, João o reconheceu como Messias (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22). Os sinóticos dão testemunho do grande número de pessoas que iam vê-lo e ouvi-lo (Mt 3,5; Mc 1,5). Além da sua pregação no deserto, ele censurava publicamente Herodes Antipas pelo seu relacionamento incestuoso e adúltero com Herodíades, a sua sobrinha, que era casada com o irmão dele, também chamado Herodes (a tradição marcana que diz que ela era esposa de seu irmão Filipe está equivocada. Filipe era casado com Salomé).

2. “Convertam-se porque o Reino dos Céus está próximo” (Mt 3,2)

A chave da pregação do Batista era o fato que o Reino de Deus estava iminente, e que seria inaugurado por alguém que ainda estava para vir. A chegada desse Reino (do Céu = de Deus, em Mateus) está essencialmente ligada com o juízo de Deus sobre a sociedade e as pessoas. Isso exigia uma urgente conversão de todos (*metanoia*). Só o fato de ser judeu não garantiria a salvação. Talvez seja possível reunir a visão de João sobre a chegada do Reino nesse mundo em quatro pontos:

- a) A chegada do Reino está iminente, por isso exige conversão imediata;
- b) O futuro é visto mais como “juízo” do que como “salvação”;

c) A sua pregação do Reino é fortemente escatológica, no sentido que exprime a certeza da chegada iminente do juízo;

d) O futuro é visto negativamente: é necessário agir agora, não porque a salvação está para chegar, mas para evitar o terrível julgamento.

É importante notar que a iminência do Reino também foi o centro da pregação de Jesus, que também convidava à conversão urgente. Como se expressa o Evangelho de Marcos, logo no início, Jesus começou a pregar: “O tempo já se cumpriu e o Reino de Deus está próximo. Convertam-se e acreditem na Boa Notícia” (Mc 1,15). Jesus nunca negou o teor da mensagem de João, embora mudasse a sua ênfase:

– A tônica escatológica permanece, para Jesus, porém o Reino não está somente próximo, mas já está aqui, como realidade presente.

– Esse Reino presente é tempo de salvação e deve ser visto positivamente. É tempo de salvação como dom de Deus e não de julgamento. Não que Jesus negasse o juízo (o termo aparece cinquenta vezes na sua pregação) – Ele o adia.

– Os dois concordam que a chegada do Reino não depende de nós. É ação de Deus e nós não podemos nem facilitar nem impedir a sua chegada.

Para o Precursor, essa chegada do Reino ou Reinado de Deus exige “conversão”. Esse termo deve ser entendido à luz do seu uso no judaísmo, especialmente a partir de Jeremias, um uso que significava mudança da orientação fundamental da vida, uma volta ao Deus da Aliança.

3. A voz que grita no deserto

Mateus liga a figura e a pregação de João a um trecho do Segundo Isaías: “Esta é a voz daquele que grita no deserto: preparem o caminho do Senhor, endireitem as suas estradas” (Is 40,3). No seu contexto original, isso soava como proclamação de esperança, no exílio da Babilônia: Deus não abandonara o seu povo, mas estava voltando para levá-lo à libertação. Usando a frase na tradução da Septuaginta e não na versão hebraica, o termo “no deserto” está ligado com a palavra “voz” e não com “preparai”, como está no texto hebraico. Igualmente substitui a frase “uma estrada para o nosso Deus” (*Yhwh*) por “suas veredas”, assim facilitando a sua aplicação a Jesus, e ligando a pregação de João à chegada de Jesus como Messias.

Sem dúvida podemos entender esta descrição de João como retrato de quem pregasse uma mudança radical no estilo de vida de quem quisesse aceitar o convite à penitência e ao arrependimento. As estradas a serem endireitadas (e os vales a serem aterrados, as montanhas e colinas a serem aplainadas e os caminhos esburacados a serem nivelados, no texto de Lucas) simbolizam os empecilhos em nossas vidas a uma vivência da aliança (para os cristãos leitores dos evangelhos, para o seguimento de Jesus) mais radical e coerente. Quem aceita essa mensagem terá que mudar radicalmente – isso é, na raiz – a sua vida.

O sinal da aceitação da mensagem de João e da vontade de converter-se era assumir o batismo. Embora fosse um rito conhecido no judaísmo, o batismo de João tinha

conotações particulares, intimamente ligadas ao conteúdo da sua pregação e à sua visão do juízo. Em contraste com as abluções rituais dos essênios (que eram diárias) e o batismo dos prosélitos, que os purificava, permitindo assim o seu contato com os judeus, o de João era oferecido a todos e recebido uma só vez. Estava ligado à conversão profunda, a uma mudança radical da vida em preparação do julgamento vindouro, ligado à irrupção do Reino no meio da humanidade. A sua finalidade era a remissão dos pecados, entendida como dom do Reino de Deus. Podemos ligar essa visão às promessas de purificação de Israel em Is 1,16; 4,4; Ez 36,25.

4. A pregação de João contra os fariseus e saduceus

Mateus expõe a pregação de João em termos de polêmica contra dois grupos (os fariseus e saduceus). O historiador judaico Josefo nos conta que o judaísmo da época tinha diversos grupos diferentes, às vezes antagônicos: os fariseus, os saduceus, os essênios, e um quarto grupo que depois formariam os zelotas. É importante lembrar que às vezes, especialmente em Mateus, essa linguagem polêmica, especialmente contra os fariseus, reflete mais os conflitos do tempo do escrito (depois de 85 dC) do que do tempo de Jesus. Mas, sem dúvida, é importante entendermos algo desses alvos da denúncia de João Batista.

Os fariseus se afastaram dos macabeus quando conseguiram o seu objetivo de celebrar livremente o culto. Politicamente, no entanto, não continuavam mais diretamente engajados, uma vez que esperavam a libertação como ato direto de Deus. Estavam fortemente marcados pela mentalidade apocalíptica. A origem dos fariseus deve ser situada nesse ambiente apocalíptico de fidelidade à Lei, como reação contra a imposição forçada dos costumes gregos no período intertestamentário.

Sua origem social era de diversas classes sociais, especialmente de artesãos e trabalhadores livres. Viviam em confrarias ou irmandades nos povoados da Palestina.

Deve-se a eles o surgimento das sinagogas nos povoados. Essas eram casas de reunião para as confrarias, casas de oração e do estudo da Lei. Ali instruíam as comunidades na observância da Lei, ajudando o povo a manter a sua identidade e alimentando a esperança na chegada iminente do Messias e do Reino de Deus. Assim, conseguiram uma grande liderança entre os judeus.

O zelo na observância da Lei era uma das suas marcas principais. Desse zelo dos fariseus saíam mais tarde os zelotes, os mais rigorosos adeptos da ação violenta contra os impérios estrangeiros e seus colaboradores judeus. No tempo de João os fariseus, segundo informação de Josefo, somavam uns seis mil membros.

Os saduceus formaram um movimento aristocrático entre os judeus da Palestina cujo nome sustenta a sua reivindicação de serem descendentes de Sadoc. Sendo assim eles deviam ter sido ministros do Templo. De fato, a maioria dos sacerdotes de Jerusalém pertencia a eles, “o partido do Sumo Sacerdote” (At 5,17). Os saduceus incluíam entre os seus números membros não sacerdotais, de famílias influentes judaicas. Segundo Josefo, eles tinham muita influência entre os ricos, mas quase nenhuma entre os

pobres e povo em geral. Na época de Jesus somavam mais ou menos duzentas famílias somente.

A primeira referência a eles como grupo organizado vem do tempo de João Hircano I (134-104 aC). Em si, quando Jônatas assumiu o papel de Sumo Sacerdote, os saduceus deveriam se opor essa usurpação do sumo sacerdócio. Ao contrário, eles apoiavam os sacerdotes-reis dos asmoneus, talvez para garantir a sua própria influência. Essa influência flutuava, dependendo do seu relacionamento com o rei do momento. Foi forte no reinado de Hircano I com quem se aliavam, ou que se aliou com eles, depois que rompeu com os fariseus. Tiveram de novo muito prestígio sob Aristóbulo II (69-63 aC).

Os saduceus foram muito influenciados pelo ambiente grego ou helenista. A simpatia deles para com o poder dominante estrangeiro tinha as suas raízes nos períodos persa e selúcida, quando os sacerdotes assumiram a responsabilidade pelo governo interno, diante do poder dominante. O partido, nos tempos dos asmoneus, era conservador e cioso das suas prerrogativas sacerdotais. Opunha-se aos fariseus e à sua tradição oral, em princípio porque o viam como uma ingerência laica no território sacerdotal. A sua atitude em rejeitar qualquer desenvolvimento ou modernização da Torá brotava da sua visão secularizada e da sua falta de interesse, em geral em questões religiosas. Josefo lhes atribui a negação da Providência Divina, a insistência na responsabilidade total para a conduta humana e a negação da retribuição para os bons ou maus numa vida futura. O Novo Testamento atribui a eles a negação da crença em anjos e espíritos (Mc 12,18; At 23,8), assim colocando-os em oposição aos fariseus. Depois da destruição de Jerusalém em 70 dC, eles desapareceram das páginas da história.

A polêmica que Mt 3,7-10 manifesta entre João e os fariseus e saduceus mostra que a conversão tem que ser radical e não somente superficial. Não adianta ter uma fé teórica, pois é somente pelos atos concretos que cada um mostra a realidade da sua adesão ao projeto de Deus.

5. A pregação de João em Lucas

Lucas situa João, de uma maneira bem concreta, na realidade do seu povo em Lc 3,1-2. Por trás das informações históricas deste texto, referentes às autoridades seculares e religiosas, que teriam influência nos primórdios do cristianismo, está a realidade trágica da resposta negativa deles à Palavra de Deus e aos seus mensageiros, João, o Batista, e Jesus, o Cristo! Na pessoa de Pôncio Pilatos, a autoridade romana vai agir na decisão de assassinar o Messias; entre os governantes da Palestina, Herodes Antipas aparece diversas vezes no Evangelho, sempre com juízo negativo, e será o responsável pela morte de João, além de estar presente no sofrimento de Jesus na Semana Santa; Anás (Sumo Sacerdote de 6 a 15 dC) e o seu genro Caifás (Sumo Sacerdote de 18 a 37 dC) só atuavam porque os romanos permitiam e realmente foi a eles que serviam. Os sumos sacerdotes sempre serão hostis a Jesus e à sua pregação e no fundo foram eles os responsáveis pela sua morte.

No meio deste elenco de poderosos corruptos e perseguidores, Deus manda João, o Batista, como arauto do novo tempo de graça e salvação. Deus não permite que a perversidade e a maldade tenham a palavra final na história da humanidade. Essa será mais tarde a mensagem básica do Apocalipse: o mal já é um derrotado, e, embora possa parecer diferente, é Deus e não a maldade que controla a caminhada da história. Mensagem de conforto às comunidades sofridas do fim do primeiro século. Mas esta vitória não se concretiza sem que haja luta, sacrifício e cruz!

Embora tenha muita coisa em comum com Mateus, a pregação de João em Lucas traz uma ênfase mais forte sobre a ética e a justiça social. Em Lc 3,10-14, uma seção própria de Lucas, existem três grupos de interlocutores do Batista: as multidões (3,10s), os cobradores de impostos (3,12s) e os militares (3,14). Diante do desafio da sua pregação, as multidões, as pessoas consideradas “pecadores” pela religião oficial, desejam concretamente saber o que devem fazer. A frase lapidar do trecho é a pergunta que os diversos grupos formulam para João: “O que devemos fazer?” Esta pergunta aparece mais vezes no terceiro Evangelho, em Lc 10,25 (na boca de um doutor da Lei) e em Lc 18,18 (uma pessoa importante), e também nos Atos dos Apóstolos: em At 2,37 (os judeus depois da pregação de Pedro), At 16,30 (o carcereiro gentio de Filipos), At 22,10 (Saulo, o perseguidor).

É interessante que João, embora fosse uma pessoa de cunho fortemente ascético, não exige sacrifícios, ou práticas religiosas como jejum e abstinência. Ele enfatiza uma exigência muito mais radical, que atinge o cerne do nosso ser: uma preocupação com os mais pobres, manifestada na busca de justiça e solidariedade. João exige algo muito simples: uma conduta ética de fraternidade e justiça, algo que não é novidade em si, mas totalmente dentro das tradições proféticas e sapienciais do povo de Israel. No fundo, João prega antecipadamente o que mais tarde Jesus vai ensinar: a partilha dos bens com as pessoas que sofrem necessidades, a justiça nos relacionamentos econômicos e políticos, a conversão que se manifesta através de uma mudança radical da vida. Hoje poderíamos dizer que João não era somente precursor de Jesus, mas também da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2010: “Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”!

Lucas também liga a pregação de João à memória dos textos do Segundo-Isaías, mas o último versículo da citação do profeta veterotestamentário “todo homem verá a salvação de Deus” (v. 6) faz eco ao tema lucano da universalidade da salvação, (esta frase não se encontra no texto paralelo de Mc 1,3). Ninguém é excluído da mensagem e oferta da salvação. Mas a resposta depende de cada um de nós!

A pregação de João relatada nos versículos 3,10-14, que constam somente em Lucas, mostra bem que não foram os líderes religiosos que estiveram prontos para arrepender-se, mas o povo comum, e até pessoas que estavam à margem da sociedade, como cobradores de impostos e soldados. Mais adiante no Evangelho são estas as pessoas que vão responder positivamente diante da pregação do próprio Jesus. Recordando as palavras de João para as suas comunidades (pelo ano 80-85 dC), Lucas quer lembrar aos cristãos que eles também deveriam estar abertos para achar sinceridade e bondade fora das vias “aceitáveis” – como fizeram João e Jesus!

Lucas termina o seu relato lembrando que o próprio João ensinava que ele era inferior a Jesus. João batizava com água como agente de purificação, mas Jesus usará a força purificadora maior do Espírito Santo e do fogo. Lucas vai mostrar em Atos 2 (no relato de Pentecostes) como o fogo do Espírito Santo cumpre a sua missão nas pessoas.

O texto termina com a declaração que “João anunciava a Boa Notícia ao povo de muitos outros modos” (Lc 3,18). O que João prega é tão semelhante ao que Jesus pregará e que também merece ser taxado de “Boa Notícia”, a da chegada da misericórdia e da salvação de Deus de uma forma gratuita, mas que exige resposta de cada pessoa. É a crise existencial do mundo todo: aceitar ou rejeitar a salvação oferecida gratuitamente em Jesus. A pregação de João nos lembra que esta decisão tem que ser renovada sempre, através da pergunta “o que devemos fazer?”, enquanto continuamos andando “pelo caminho!”

6. Personalidade do passado, mensagem do presente

Embora a figura de João Batista seja apresentada nos evangelhos na sua função de “precursor” e arauto de Jesus de Nazaré, a sua pregação contém muitos elementos que ultrapassam essa função, e que nos podem dar dicas valiosas para a nossa vivência individual, eclesial e social, hoje. Vejamos alguns desses elementos.

a) O Reino de Deus

Hoje há um consenso entre os estudiosos de que o centro da pregação do próprio Jesus era o Reino de Deus. Nunca Jesus ou João definia o que seria exatamente esse Reino, mas podemos afirmar que é a irrupção da ação de Deus na história da humanidade. Na verdade, muitas vezes uma tradução melhor do que “Reino de Deus” seria o “Reinado de Deus”, pois o termo “Reino” pode transmitir uma impressão de algo estático, fixo, enquanto na realidade é uma experiência dinâmica da presença transformadora, redentora e desafiadora de Deus presente no meio dos povos de todos os tempos e lugares. No mundo globalizado de hoje, multicultural, multiétnico e com uma diversidade de experiências religiosas, desde as mais tradicionais até as mais esdrúxulas, o conceito do “Reino/Reinado de Deus” pode abrir a porta para um verdadeiro diálogo entre as religiões. No mundo da atualidade, torna-se imprescindível um grande esforço para que aconteça esse verdadeiro diálogo, pois a religião é manipulada no mundo inteiro para servir a fins econômicos e políticos escusos, e facilmente está se tornando instrumento de divisão e fragmentação, em lugar de ser de unidade, solidariedade e paz. Os valores do Reino, que ultrapassam as fronteiras de qualquer Igreja ou Religião, podem servir como chão comum para um verdadeiro diálogo profético entre as religiões, uma vez que todas buscam ser coerentes com a bondade de Deus, seja qual for a compreensão de Deus que cada uma possa ter. Tivemos uma experiência prática disso durante a realização da Campanha da Fraternidade Ecumênica de 2009, onde os valores do Reino eram usados como critério para julgar e confrontar o sistema de morte (do anti-Reino) que é a estrutura econômica global, debaixo da qual milhões de pessoas padecem hoje.

b) *João e Jesus*

Dentro do âmbito mais estreitamente cristão, ou seja, ecumênico, João nos traz uma recordação muito importante na sua pregação. Sem menosprezar em nada a sua própria identidade e missão, ele aponta Jesus como o âmago das esperanças do povo. Assim a sua pregação converge com a insistência da Epístola aos Hebreus e do Apóstolo Paulo quando nos falam: “Corramos com perseverança na corrida, mantendo os olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé” (Hb 12,1-2) e “Ninguém pode colocar um alicerce diferente daquele que já foi posto, Jesus Cristo” (1Cor 3,11). Parece óbvio, mas na verdade inúmeras vezes a pessoa e a missão de Jesus tiveram a sua importância diminuída – na prática, se não na teoria – e foram substituídas por elementos secundários, ou, pior, na vivência prática da fé. O Documento da V Conferência do Celam, em Aparecida, declara com todas as letras que, pelo menos no ambiente da Igreja Católica Latino-americana, muitas vezes os fiéis não foram levados a fazer uma experiência viva e dinâmica de Jesus. Frequentemente substituímos na catequese (e isso acontecia em maior ou menor grau em todas as Igrejas) um “saber” intelectual sobre Jesus, tomando o lugar de um relacionamento pessoal e vivo com Ele. Muitas vezes devoções a santos, histórias piedosas, ou relatos “milagrosos” tomaram o lugar dessa experiência que é fundamental à vivência cristã. A pregação do Batista nos recorda que temos que voltar a um relacionamento profundo com Jesus, o único Salvador e Senhor.

c) *Fé exige compromisso com justiça social*

A figura de João imediatamente nos recorda os profetas do Antigo Testamento, e embora se situe claramente dentro da tradição judaica, como já foi mencionado, não enfatiza práticas ascéticas como centrais para a conversão e a salvação diante do juízo vindouro. Pelo contrário, quando indagado pela multidão e por soldados a serviço do Rei Herodes e cobradores de impostos sobre o que significava para eles na prática a conversão, João Batista não titubeia, mas esclarece indicando a justiça e a solidariedade como critérios de uma verdadeira conversão: “Quem tiver duas túnicas, dê uma a quem não tem, e quem tem comida faça a mesma coisa” (Lc 3,10), bem dentro de um espírito da economia solidária e da partilha.

E disse aos cobradores de impostos: “Não cobrem nada além da taxa estabelecida”. E aos soldados: “Não maltratem ninguém; não façam acusações falsas, e fiquem contentes com o salário” (Lc 3,12-14). João enfatiza que não há uma autêntica conversão que não tenha consequências econômicas, morais e éticas. Diante da estrutura pecaminosa institucionalizada, que é o sistema econômico mundial hegemônico hoje, e diante da corrupção e gritante falta de ética na vida pública, a pregação de João soa como muito relevante. Ela contesta um tipo de religião bastante comum em todas as Igrejas, ou seja, uma vivência da fé desvinculada de mudanças profundas nas estruturas pecaminosas que são sinais do anti-Reino da morte.

Conclusão

Os Evangelhos Sinóticos, bem como o Quarto Evangelho, descrevem João Batista nos termos usados pelo profeta do Segundo-Isaías (Is 40–55) como “a voz daquele que grita no deserto: Preparem o caminho do Senhor, endireitem as suas estradas” (cf. Mc 1,2-3; Mt 1,1-3; Lc 3,3-6; Jo 1,23). “Deserto” é terra árida, inóspita. O Segundo-Isaías tinha como referência o deserto entre a Babilônia e a Palestina, e João Batista tem em vista o deserto de Judá. Hoje temos outros tipos de desertos, muitas vezes também inóspitos – os desertos de um mundo muitas vezes secularizado, consumista e materialista, que já chegou à façanha de ter mais de um bilhão de pessoas passando fome, sem que isso toque o coração de muitos que teriam como agir para que algo mude. Assim, a voz de João e a sua pregação continuam sempre relevantes, nos “novos areópagos” (termo caro ao Papa João Paulo II) da sociedade moderna. Ele apontava aos seus ouvintes e interlocutores o caminho a seguir: a vivência dos valores do Reino, o seguimento de Jesus de Nazaré com suas opções bem concretas, nascidas da sua experiência do Deus da vida, e a ética em todos os aspectos da vida particular e pública. João conhecia bem o deserto, e sabia bem que o deserto também esconde núcleos de vida, fontes de água, coisas positivas. Assim não podemos somente criticar o deserto da sociedade moderna, mas devemos buscar os “oásis” nesses desertos modernos, os sinais de vida, a busca de valores positivos, as sementes do Verbo, que existem em todos os lugares, raças, religiões e etnias.

João confrontava a arrogância, talvez inconsciente por ser tão enraizada, dos saduceus e fariseus, convencidos que a mera pertença ao povo de Israel garantia a sua salvação.

Como não bastava para esses dois grupos proclamar que eram “filhos de Abraão” (cf. Mt 3,9), hoje nada adianta ninguém bradar que é católico, cristão, evangélico, membro desse ou daquele movimento ou grupo, se não produzir frutos de uma verdadeira conversão. A conversão somente acontecerá com a graça de Deus. É um processo permanente e urgente, que exige reconhecimento dos nossos pecados, pessoais e sociais, e das estruturas que os veiculam, uma vontade de mudar a orientação da nossa vida, e uma abertura para a graça de Deus, que é capaz de fazer maravilhas em nós. Ressoa muito alto hoje o convite e desafio de João: “Convertam-se, porque o Reino dos Céus está próximo” (Mt 3,2). A decisão é nossa, pois o nosso Deus, rico em misericórdia, jamais negará a sua graça.

Referências bibliográficas

FUELLENBACH, John. *The Kingdom of God: the message of Jesus today*. Maryknoll, Nova York: Orbis Books, 1995.

LÉON-DUFOUR, Xavier (org.). *Vocabulário de Teologia Bíblica*. Petrópolis: Vozes, 1972.

VV.AA. *The New Jerusalem Biblical Commentary*. London: Geoffrey Chapman, 1989.

Tomaz Hughes
E-mail: thughes@netpar.com.br